REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1051

10 de Março de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

SUA EMINENCIA D. ANTONIO MENDES BELLO, NOVO PATRIARCA DE LISBOA

(Fotografia do sr. Molarinho)

Chronica Occidental

Para aquelles que não compreendem senão a filosofia epicurista do goso, o entrudo d'este anno foi uma semsaboria em Lisboa e um fiasco no Porto. Não se sabe o que elle tenha sido nas outras terras do reino e ilhas, mas isso tambem pouco nos importa. Para o nosso caso, Lisboa e Porto chegam perfeitamente.

Reminiscencia dos tempos gentilicos, o carnaval português parecia querer civilisar-se nos ultimos annos; e alguma boa coisa se conseguira já. Entregue, por assim dizer, a direção superior dos folguedos aos clubs elegantes, promovidas as batalhas de flores e os cortejos allegoricos em que eram chamadas a tomar parte as classes de distinção, o povinho como que se envergonhava das suas grosseiras e miseraveis mascaradas, e ou ia deixando-se ficar nos limites dos seus bairros para só áhi se divertir á bruta com os da sua egualha, ou, se acorria aos pontos da cidade onde a gente fina brincava, comedidamente se contentava com ser apenas espectador da alegria dos outros. E se acontecia dar-se na rua o encontro de algum ché-ché com o Sr. Carvalho Pessoa, esse ché-ché era já suficientemente educado para não lhe apontar o facalhão á pança respeitavel sem primeiramente o prevenir nestes polidos termos:

— Arrede-se vossa excellencia, senhor conselheiro, que o espeto!

Só conversando com os velhos é que se podia têr ainda uma esmorecida recordação do que deixara de ser o entrudo d'esses chamados bons tempos, tão diversos dos tempos d'agora, em que a mansidão dos nossos costumes era ruidosamente desmentida, e em que os mais pacatos se preparavam, como os mais turbulentos, para as partidas carnavalescas como poderiam preparar-se para verdadeiras escaladas.

Ia-se de noite á corda do sino, e largava-se a tocar a fogo para incomodar a freguezia e fazer sair a bomba. Amarrava-se a um cordel a rama de um bom mólho de cebolas e atirava-se gentilmente com elle, d'um terceiro andar, á cara dos transeuntes. Uma vez ou outra, variando com chiste, substituia-se o mólho de cebolas por uma rica luva cheia de areia — que em apanhando o hombro de um sujeito lhe rendia logo a clavicula com infinita graça. As pessoas mais delicadas assopravam, por um canudo, tremoços que iam bater na cara de quem passava. Ao jantar, se havia alguem de fóra, depois de lhe darem sopa com vinagre e pimenta, e vinho com mostarda, comiam uns aos outros o nariz á sobremesa! Nabo com o qual não entrasse faca á força de ser duro, dava-se com elle na cabeça d'algum janota que atravessasse a rua, para lhe fazer o chapeu num figo. Alguns, enfarinhados, pintados, besuntados, com penachos astes num chapéo de palha da terra, opa branca, ceroula e sapato de laço escarlate, iam fazer uma visita de surpresa á familia do segundo andar, empoá-la e enfarruscá-la bem...

Mal amanhecia, já as creadas, ajudadas p'lo gallego, desmontavam as vidraças dos caixilhos, tiravam de cima das mêsas da sala todas as bugigangas, e das paredes todos os quadros, levantavam os tapetes e esteiras. Vinham, em sacos, alqueires e alqueires de tremoços, para atirar das janelas, ou ás mãos-cheias ou soprados em canudos. Quando o cereal já era pouco, ia-se aos ovos cheios de farinha, e depois aos que ainda tinham dentro a gêma, a clara, e muitas vezes o pinto já com o bico pronto a furar a casca. Sobre o cartuxo de pó de gomma esguichava a temivel seringa, esborrachava-se a laranja, quebrava-se em cheio nas costas do transeunte a pucarinha de barro. A pucarinha! Mas a pucarinha não era senão uma leve, levissima graça: o que devéras se queria era a graça pesada, e para isso é que serviam os taxos, os alguidares, os fogareiros, as tijelas da casa.

De instante a instante invadia as ruas ora uma dança ora outra, enfeitados, ataviados alguns em traje de mulher, de chapelinho ao lado, caracóes sobre os hombros, fita por baixo do queixo, saia curta, perna á mostra, seio de improviso, arco de flores numa das mãos, na outra lenço de pontas bordadas, pastorinhas, com seu cigarro bregeiro ao canto da bôca, malta que crescera nos caes, nas praças, e até nos adros das egrejas, jogando as chapas, a lasca, a mosca, os dados, e a petisca. Girava a contradança. Os latagões saltavam, suando, ao som da charamela, animados pelo guinchar do pifano e pela facundia do bombo. Era uma dança de instinto, uma dança de advinhação. Mas tudo isso ingenuo, *bon-enfant*, sem propositos de offensa nem de melindre para ninguem.

Dois seculos depois da publicação d'aquelle alvará de Filipe III que prohibia nas ruas de Lisboa «as laranjas e brigas de entrudo», os nossos governadores civis entenderam que as brincadeiras carnavalescas tornavam ao excesso, e começaram então a ser dadas ordens á policia no sentido de reprimir os abusos que por muito tempo o entrudo permitira. Não se regressou á pratica das festas de egreja, nos tres dias gordos, como ha tres seculos, quando aqui se introduziu o Jubileu das quarenta horas, que tinha por fim distrair os animos das tropelias carnavalescas para as diversões de Deus; mas por tal modo se restringiu a licença nos editaes emanados do Governo Civil, que os folguedos tomaram feição bem diversa, com o que muito boa gente rejubilou.

Este anno, porém, um imprevisto acontecimento dessorou a camada de verniz civilisador que chegara a revestir o nosso entrudo, e logo a abstenção das classes educadas deixou rebentar pela expansão popular a reminiscencia pagã em toda a sua deploravel impetuosidade.

Referindo o facto de terem os clubs do Chiado encerrado as suas janelas durante os tres dias gordos, e não se haver dado no Theatro de S. Carlos a mais ligeira perturbação do espectaculo por brincadeiras como as que ali são de costume em tal tempo, alguns jornaes congratularam-se com a população de Lisboa por tão justa demonstração de respeito civico, no momento em que mal acabavam de cerrar-se as portas de um tumulo sobre os cadaveres do Rei e do Principe assassinados. E um d'esses jornaes ainda acrescentou que isso se fizera pelo tacito acôrdo de todos.

Bem desculpavel, quasi louvavel mentira, mas mentira! O que tristemente se viu não foi tal demonstração de respeito civico, foi a mais desconsoladora exibição do que é, no nosso povo desditoso, a profunda, absoluta ignorancia da dignidade civica. Alguns clubs fecharam as janelas, é certo; mas outros houve que não hesitaram em pôr na rua cortejos festivos, em encher as suas salas com a jovialidade dos bailes, em espalhar por toda a parte o disparate e o alarido das mascaradas, e tudo isto, e neste momento, ao redor de um throno coberto de lucto, d'onde ainda goteja o sangue, e onde estremece, transida p'lo assombro da tragedia, essa debil figura de creança que é o orfão-rei!

Poude então, quem estas linhas escreve, pedindo á propria memoria a revivescencia de uma das mais bellas coisas que os seus olhos têm podido observar, pôr em flagrante o contraste d'esta deprimente ausencia de educação do sentimento popular, com uma muito interessante prova da elevada compreensão dos deveres de respeito que um povo bem educado póde chegar a ter pela pessoa d'aquelle que incarne a supremacia do Estado.

Estavamos na Hollanda, e era esse o dia em que devia chegar a Amsterdam, vindo da Haya, a joven Rainha Guilhermina, para a solemne ceremonia da sua coroação. Por toda a parte se agitava uma verdadeira tempestade de gritos, de cantos joviaes, de acclamações apaixonadas, um frenesi, um delirio, uma quasi loucura; mas todo este arrebatamento fogoso, toda esta embriaguez de contentamento, ainda nas mais infimas classes, contidas sempre por um espirito de disciplina admiravel, caracterisadas por uma grande ordem, no meio da desordem indescriptivel. Era forçoso ir na onda, andar, correr, pinotear, como os outros. Lá fomos. Parecia tudo doido. Rapazes, raparigas, velhos e velhas, davam as mãos uns aos outros, faziam bichas sem fim, e não havia rua, bêco, travessa, por onde essas bichas não coleassem, ora rastejando, ora saltando, numa alegria sem limites, a verdadeira, legitima alegria da kermesse hollandêsa.

Num certo ponto da cidade, porém, a uma certa altura, tudo esmorecia de repente. Ao dobrar de Kalverstraat para o Dam, quebrava se a investida, a berraria cessava, baixavam-se as vozes, abrandava a correrîa. Quem atravessasse a praça ia nos bicos dos pés; e por deante do palacio real, que era ali, deslisavam todos em silencio...

Os jornaes d'essa manhã tinham publicado, na primeira pagina e em grossos caracteres, um aviso ao povo, dizendo que a Rainha Guilhermina recolheria cedo aos seus aposentos, para melhor repousar da fadiga que lhe teria causado um dia inteiro de festa. E tanto bastara para que se désse este facto: no Dam, e nas ruas proximas, não se ouvia o menor ruido. Dir-se-ia um logar sagrado, que a kermesse não podia profanar.

— Devagarinho agora, dizia o povo, que a Rainha dórme!

João Prudencio.

Sua Eminencia D. Antonio Mendes Bello

NOVO PATRIARCA DE LISBOA

O novo patriarca que no dia 5 do corrente deu sua entrada solemne na Sé de Lisboa, e cujo retrato vimos apresentar a nossos leitores, de ha muito honra a Egreja Lusitana, por sua inteligencia e virtudes, divisa que deve distinguir o verdadeiro sacerdote cristão.

Experimentado no desempenho dos dificeis, e por vezes penosos, cargos da superior autoridade eclesiastica, deu sempre tão abundantes provas de são criterio, prudencia, benegnidade, sem prejuiso da boa justiça, que naturalmente a sua personalidade estava indicada para os mais elevados cargos da Egreja, como agora foi convidado a assumir no Patriarcado de Lisboa.

O sr. D. Antonio Mendes Bello apresentado bispo do Algarve desde 1894, pastoreou treze annos aquela diocese com proveitosos frutos para os seus diocesanos e para a Egreja, e se isto é por si a maior recommendação, é, comtudo certo que para se obterem esses frutos é preciso que no cultor concorram qualidades que justifiquem os resultados, porque não se póde obter boa colheita sem uma cuidadosa sementeira.

E' o que vamos vêr reunindo algumas notas biograficas que pudémos alcançar.

O sr. D. Antonio Mendes Bello, nasceu na vila de Gouveia, em junho de 1842. Logo de infancia se inclinou para a religião como um predestinado por Deus, e sendo conforme á vontade de seus paes, com raro aproveitamento e assiduidade seguiu seus primeiros estudos, concluindo aos 14 annos o curso no liceu de Coimbra e vencendo num anno o curso de preparatorios, entrou para o seminario, onde em trez annos se habilitava com o curso de teologia.

Taes distinções alcançou no seu curso e tão irrepreensivel se comportou, que a reitoria lhe cometeu comissões de serviços importantes daquelle estabelecimento, de que se houve com grande criterio e zelo atestando a sua capacidade, durante os cinco annos em que desempenhou os serviços escolares de que fôra encarregado.

Não foi menos brilhante seu curso de direito que encetou em 1865, na Universidade, onde deixou boa memoria da sua passagem como estudante talentoso, dos mais premiados.

Em 1873 é nomeado lente de teologia do seminario de Elvas, onde logo evidenciou seus grandes recursos e competencia cientifica, literaria e religiosa no curso que regeu naquele anno. Mas sua atividade estendeu se ainda á advocacia, que exerceu na comarca, com notaveis resultados e que lhe valeu ser escolhido pelo rev. bispo da diocese para o substituir em seus impedimentos no governo do bispado, em que deu provas de seu grande juizo, amor da justiça e de Deus a par de modestia verdadeiramente cristan.

Como premio de tão distintas qualidades foi agraciado com as honras de conego da Sé metropolitana de Evora; mais tarde, em 1874, foi convidado pelo governo a assumir o cargo de vigario geral e governador da diocese de Pinhel, sendo importante a sua influencia na reforma do ensino, na moralisação dos costumes e observancia da disciplina, procedendo com bem entendida energia e ao mesmo tempo paternal cuidado, que seu governo deixou boa memoria naqueles povos.

O Cardeal Patriarca de Lisboa D. Ignacio I reconhecendo os altos serviços do rev. D. Antonio Mendes Bello, conferiu lhe as honras de desembargador da Relação e Curia Patriarcal.

Transferido para Aveiro, em 1881, continuou ali suas honrosas tradições, até que, em 1884 lhe foram conferidas as honras de arcebispo, *in-partibus*, de Mitylene, nomeado provisor e vigario geral do patriarcado, cargo que desempenhou superiormente, com inteligencia e zelo que sempre manifestou na direção dos negocios eclesiasticos.

O decreto de 4 de setembro apresentou o rev. D. Antonio Mendes Bello bispo do Algarve, o que foi confirmado pela Santa Sé, no consistorio de 13 de novembro do mesmo anno.

A 8 de fevereiro de 1895 dava o novo bispo entrada solemne na Sé de Faro, onde era recebido com todas as honras inherentes ao elevado cargo, e verdadeiro regosijo de seus diocesanos, pois bem sabiam dos honrosos precedentes e exemplar vida do novo antistite.

O seu governo da diocese do Algarve foi fertil em beneficios tanto para o clero como para os mais diocesanos.

Deve-se especialisar o interesse que desde logo manifestou na sua visita pastoral á diocese, inquirindo do seu estado e das mais urgentes necessidades a que era preciso atender; mas principalmente o que desde logo mais chamou sua atenção foi o seminario, ordenando completa reforma quer nos estudos quer no material e boa administração economica.

Promoveu com todo o empenho e conseguiu a restauração do edificio da Sé, onde se fizeram importantes obras.

Tem sido sempre seu empenho o melhorar a situação do clero português; e na camara dos pares tem defendido com todo o vigôr essa causa bem como todos os negocios que interessam á Egreja Lusitana.

Muita vez sua palavra eloquente se tem feito ouvir na camara dos pares, como na tribuna sagrada, em que é orador prestigioso. Suas pastoraes são modelos de boa doutrina e de elegante linguagem, que lhe dão fôros de primoroso cultor das letras.

Pelas breves notas biograficas que ficam apontadas se póde reconhecer a alta capacidade do ilustre prelado que ora vem presidir ao patriarcado de Lisboa, e quanto ha esperar do seu saber, inteligencia e zelo na direção dos negocios da Curia Patriarcal.

* * *

A ceremonia da entrada e posse do novo patriarcha na Sé de Lisboa, realisou se no dia 5 do corrente, e, apesar de se restringir só á observancia do ritual, porque assim o entendeu dever ordenar o sr. D. Antonio Mendes Bello, em atenção ao luto nacional, essa ceremonia teve toda a imponencia das solemnidades religiosas, em que se ostenta a riqueza de paramentos, e muito especialmente os da Sé de Lisboa que são dos mais ricos do país. A seléta assistencia de pessoas de elevada posição social, clero do patriarcado e de outras dioceses, mais realce deu ao acto, animado ainda por grande concurso de povo que acudio a presencial-o.

Sua Eminencia chegou pelo meio dia ao templo de S. Vicente de Fóra, onde era aguardado pelo reverendo arcebispo de Mitylene governador do patriarcado e pela irmandade do Santissimo Sacramento com o seu juiz sr. D. Thomaz de Vilhena. O novo Patriarca no alto da escadaria, lançou a benção ao povo que se acomulava no largo; depois deu entrada na egreja, debaixo do palio, acompanhado pelas pessoas convidadas incluindo a comissão dos conterraneos de Sua Eminencia, que de Gouveia vieram assistir áquelle acto.

A Comissão de conterraneos do sr. Patriarca, que veio de Gouveia assistir á posse de Sua Eminencia

(Cliché Alberto Lima)

Da egreja de S. Vicente sahiu então o cortejo que acompanhou o sr. Patriarca á egreja da Madalena, indo sua Eminencia com seu secretario particular sr. dr. Martins Pontes e capelão reverendo Antonio Cabrita num coche tirado a duas parelhas e os convidados em carruagens. A' frente deste cortejo ia um esquadrão de cavalaria.

Na egreja da Madalena era Sua Eminencia aguardado pelos srs. marquês de Castelo Melhor, marquês de Penalva, conde de Bertiandos, respétivamente representantes de Suas Magestades El Rei D. Manoel, Rainhas Senhoras D. Amelia e D. Maria Pia; ministerio, vice-presidente da Camara Municipal, commandante das guardas municipaes, conde de Sabugosa, mordomo mór da casa real, conde de Figueiró, mestre de ceremonias do paço, e mais altos dignitarios da corte, governador civil, desembargadores do patriarcado, párocos das freguezia de Lisboa e de fóra, etc.

Os representantes de Suas Magestades e o ministerio aguarda na Egreja da Madalena a chegada do sr. Patriarca

(Cliché Alberto Lima)

Veio tambem esperar Sua Eminencia na egreja da Madalena o sr. Arcebispo de Mitylene acompanhado por Monsenhores Carlos Rego e Carlos Costa.

A' entrada do templo recebeu o sr. D. Antonio os cumprimentos dos assistentes, indo depois paramentar-se para seguir processionalmente para a Sé.

A procissão formou se pela seguinte ordem; á frente as irmandades do Santissimo das freguesias do Socorro, da Madalena e da Sé, de cruz alçada; seguiam-se as Ordens Terceiras, depois as cruzes paroquiaes de Lisboa e das colegiadas dos Martires e da Sé; quarenta sacerdotes e os párocos das freguesias de Lisboa paramentados de pluviaes; os desembargadores da Relação e membros da Curia Patriarcal; o campanario, as basilicas, dois maceiros. O cabido de cruz alçada, capelães cantores e musicos da Sé. Beneficiados e conegos; um menino do côro conduzindo a mitra sobre uma almofada de seda. A cruz Patriarcal e mais sacerdotes revestidos de dalmaticas e capas, sendo todos os paramentos riquissimos, de grande aparato, não obstante estas ceremonias não revestirem já todo o esplendor de outras epocas.

A este grande cortejo seguia-se o palio, ladeado dos flabellos, sob o qual ia o novo Patriarca precedido do sr. Arcebispo de Mitylene. A's varas do palio iam os srs. presidente do Conselho Ferreira do Amaral, conde de Sabugosa, ministros da marinha, da justiça, da guerra, dos estrangeiros, vice presidente da Camara Municipal e governador civil.

Atraz do palio seguiam os representantes de Suas Majestades, vereadores do municipio e os convidados.

Assim deu entrada o sr. D. Antonio Mendes Bello na Sé, sendo aguardado á entrada pelo conego arcipreste sr. Dr. Diniz de Carvalho que lhe apresentou o crucifico para beijar o que Sua Eminencia fez ajoelhando numa almofada, emquanto o reverendo conego o espargio e incensou ao mesmo tempo que os cantores entoavam o *Ecce Sacerdos Magnus*.

Na Sé dirigiu-se Sua Eminencia para a capéla do Santissimo onde fez oração, e depois para a capéla-mór e ahi recebeu o acto de obediencia do corpo capitular.

A esta ceremonia assistiu, na tribuna do lado do Evangelho o Nuncio de Sua Santidade sr. Tonti com seus secretarios.

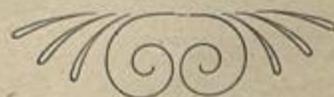
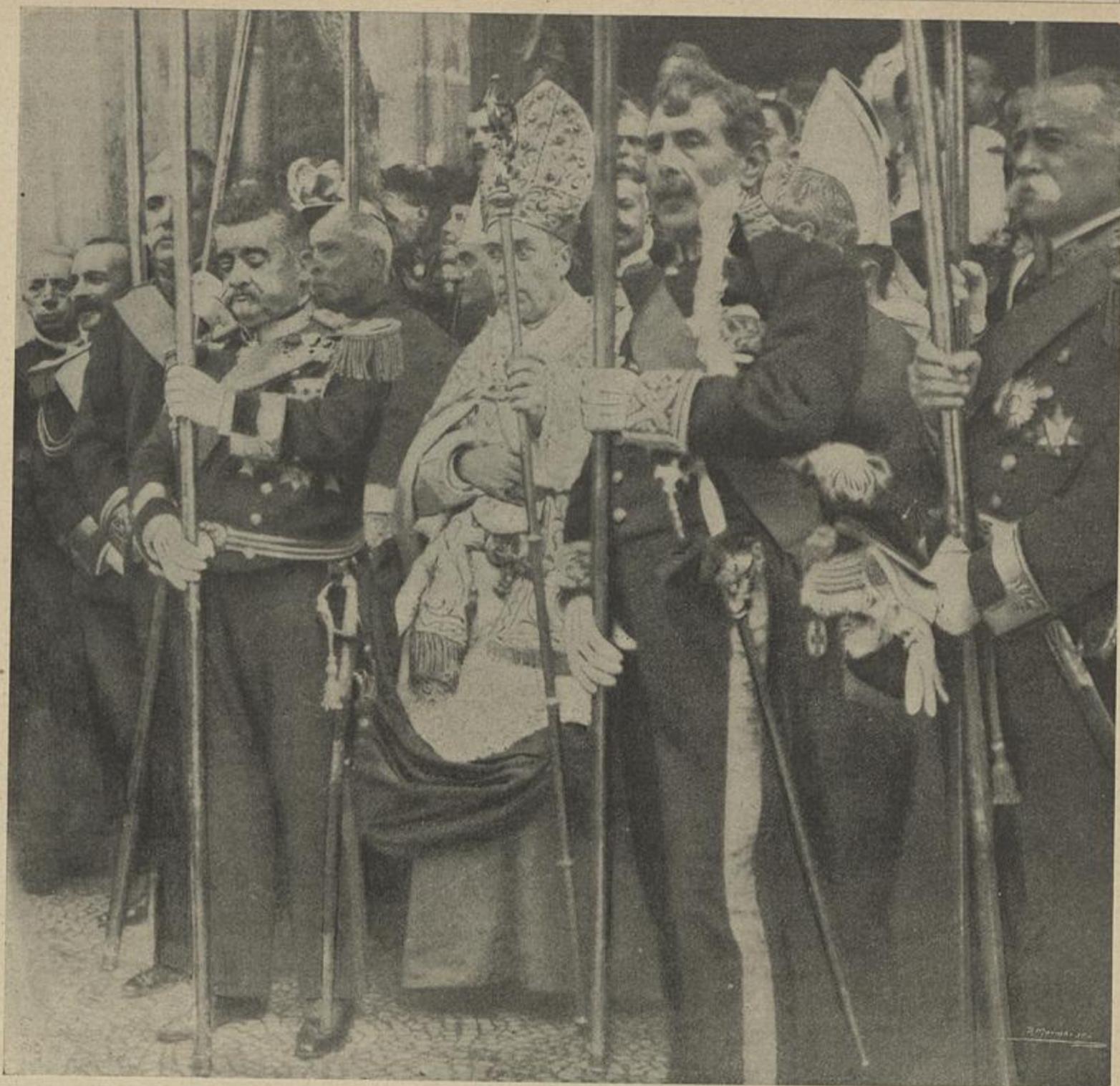
Sua Eminencia dirigiu-se depois para a cadeira gestatoria colocada sob o arco cruzeiro e dali pronunciou sua alocução ao auditorio, a qual foi eloquente e repassada de unção religiosa, de palavras de paz e de fé, condenando as doutrinas subversivas e a guerra que se está fazendo á religião que o mesmo é que fazel a á sociedade.

«Todos querem luz, disse Sua Eminencia, todos pedem luz, mas é preciso que a luz irradie de Deus, porque Deus é a verdade, a justiça e o bem».

Referindo-se ao seu programa de governo disse: «que se inspirará sempre nestes principios: a justiça e a verdade, e na aplicação da justiça terá sempre em vista a equidade e a benevolencia».

Agradece a Deus e a todos as subidas mercês que tem recebido, e ao Ceu dirige suas fervorosas preces pela exaltação da Egreja, pelo engrandecimento de Portugal, pela vida e saude do nosso rei e das duas rainhas e pelas felicidades do povo português.

Terminada a alocução, cantou-se o *Te-Deum* no fim do qual Sua Eminencia lançou a benção aos fieis, com que terminou a solemne ceremonia.

Uma força militar de caçadores 2, com a respectiva banda, fez a guarda de honra no largo da Sé.

Sua Eminencia o Patriarca D. Antonio Mendes Bello sob o palio, saindo da Egreja da Madalena
(Cliché Benoliel)

A TRAGEDIA DE LISBOA

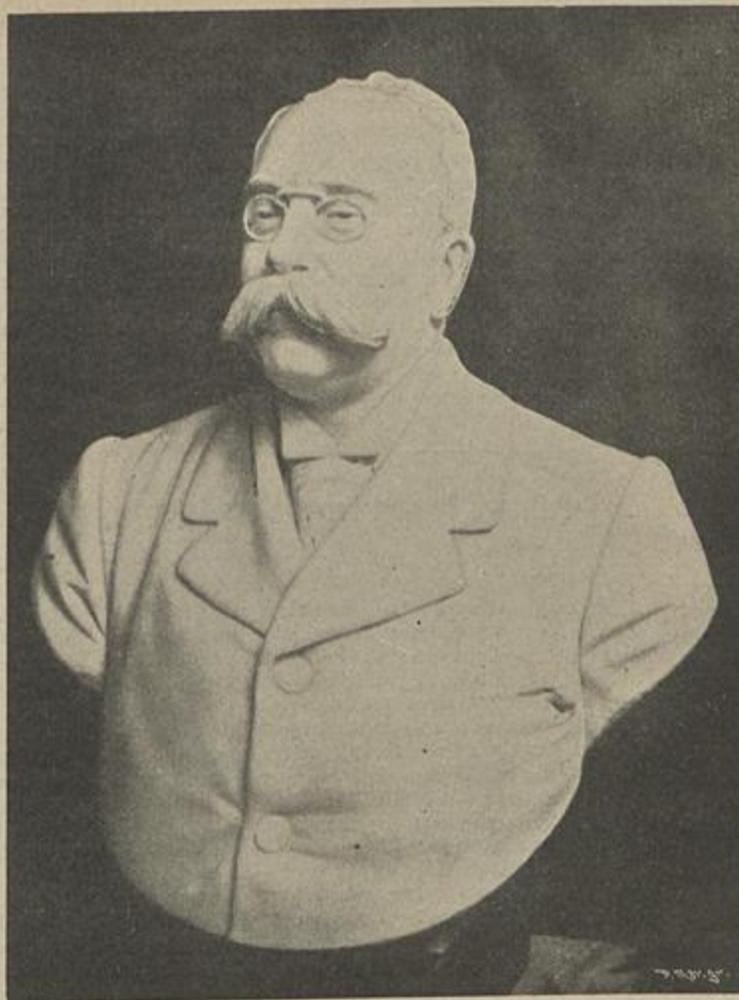
Eis como a grande revista medica ingleza *The Lancet*, a primeira de Inglaterra, aprecia o attentado contra a Familia Real:

«Pela terceira vez em dez annos a casa reinante d'um paiz europeo viu um dos seus membros mais proeminentes morto pela arma d'um assassino. Em 10 de setembro de 1898 a imperatriz da Austria foi morta por Luccheni. Em 29 de julho de 1900, o rei Humberto d'Italia, contra cuja vida anteriormente por duas vezes tinham attentado, foi assassinado em Monza por Bresci. E a 1 de fevereiro de 1908 o rei Carlos de Portugal e seu filho o Principe Real foram mortos na sua carruagem por varios assassinos armados de carabinas de repetição. A rainha Amelia e o infante Manuel, atualmente rei, escaparam como por milagre, pois que o assassinato foi cuidadosissimamente planeado, porque, disse, eram cêrca de trinta homens combinados, para realisar o plano, que aparentemente incluia a morte de toda a familia real. Em face de tal tragedia a nossa moderna civilisação emmudece; sómente podemos oferecer a nossa sympathia á rainha viuva privada, d'um só golpe, do marido e do filho.

Todos os modernos assassinatos politicos teem uma accentuada feição commum, que é a sua absoluta inutilidade debaixo do ponto de vista dos fanaticos que os planeiam. Desde o homicidio do presidente Lincoln em 1865 até ao do rei Humberto, nenhum assassinato produziu qualquer mudança de constituição, e algumas vezes, em vez de obter mais liberdades, o assassinato de um governante tem sido muito naturalmente o inicio de crescentes medidas repressivas.

O cortejo seguindo da Egreja da Madalena para a Sé
(Cliché Alberto Lima, objetiva Goerz)

Nenhum motivo geral tem dirigido estes crimes. Muitas vezes o governante assassinado era o chefe de uma republica, por exemplo Lincoln, Garfield, Carnot e Mac-Kinley, emquanto que a imperatriz d'Austria não era um soberano reinante. Alexandre II, o ultimo imperador da Russia que encontrou a morte por assassinato, tinha outr'ora libertado os servos e estava em vesperas de outorgar uma constituição quando foi morto. Humberto d'Italia era generoso em cuidados pelo seu povo, e a sua dedicação durante as temiveis calamidades que affligiram o seu paiz, taes como os terramotos em Ischia em 1881 e em 1883 e a colera em Napoles em 1884, era tão humilde e altruista, quanto uma acção humana o póde ser. Carlos de Portugal era um rei popular e (no dizer do nosso primeiro ministro) «um rei brioso, prestante e affavel».

O seu desejo de promover o bem estar dos seus subditos era puro. Os nossos leitores, por exemplo, lembrarão o seu eloquente discurso na abertura do Congresso Internacional de Medicina de Lisboa em 1906, no qual se referiu á necessidade d'uma obra organizada contra os estragos da tuberculose, affirmando ao mesmo tempo os esforços pessoaes feitos n'este sentido pela rainha Amelia. O principe real era um joven popular e irreprehensivel. O brutal homicidio do pae e do filho deixa a dinastia pelo menos tão firmemente assente no throno como estava em antes, embora o principio da ditadura tenha sido abolido. O ultimo crime mais uma vez prova que nada é sagrado para o moderno assassino politico. Sómente tem um ideal — um cego odio contra toda a auctoridade. Basta que um homem seja chefe de estado para que immediatamente fique marcado para o punhal, a bala ou a bomba. O assassinio politico, — isto é, o assassino actual — é, em regra, um homem sem educação, ou, peor que sem educação, alguem embebido de frouxas teorias sobre liberdade, palavra que elle traduz por licença. Atraz do assassino encontramos habitualmente um grupo de mal educados, profissionaes ociosos que desdenham uma vida de trabalho honesto e que, com ou sem conhecimento, estão sempre promtos a açular as classes mais baixas e peor educadas para actos de sangue, que elles, por si, são cobardes de mais para realisar.

Quanto aos acontecimentos politicos que conduziram ao presente crime, não é da nossa competencia discutil-os. Dados um povo latino, uma immensa ignorancia, um povo promto a sentir e promto a resentir-se, e conscio, ou parcialmente conscio, do tempo em que Portugal era eminente em quasi todo o mundo conhecido, o desassocego politico é de prevêr; a nomeação de um ditador parece ter sido a faisca que lançou fogo á polvora.

As simpatias de todos n'este pais irão para o joven rei e para sua mãe, que, parece, entre si partilharão durante alguns annos pelo menos, uma carga cujo pezo bastante deve opprimir um governante inexperiente.

Portugal tem estado ligado por amistosas relações com os habitantes destas ilhas desde 1145, e houve uma aliança formal entre as duas corôas no reinado de Henrique V. Em muitos pontos os nossos povos são semelhantes. Tanto Portugal como estas ilhas, procrearam intrepidos guerreiros, exploradores e navegadores. Dambos os paizes partiram grandes descobertas geograficas, emquanto só recentemente os soberanos de cada um dos paizes foram recebidos no outro com todas as provas de afeição e respeito. Em nenhum pais estrangeiro mais do que no Reino Unido mais largamente se espalhará a inquietação pelos vivos, o pezar pelos mortos e o horror pelo crime.» (1)

BUSTO DE POLICARPO ANJOS
INAUGURADO NO ESCRITORIO DA CASA COMERCIAL ANJOS & C.ª
Esculptura de Teixeira Lopes

Ocupação militar do interior do Ambriz

Mais uma vitoria, embora em condições mais pacificas do que as guerras ultimamente feridas em Africa, ainda que não menos dificil e dolorosa pelas inclemencias do país e das circumstancias, alcançaram as armas portuguêsas, na ocupação do interior do Ambriz.

O Ambriz, vila situada a 7.º 50′ de latitude Sul e 13.º 4′ de longitude Éste, é uma das povoações mais importantes da provincia de Angola, principiada a colonisar por 1840 e definitivamente ocupada desde 1855, tendo vindo sempre a desenvolver seu comercio e agricultura.

Entretanto, ha annos a esta parte o comercio principiou ali a afrouxar bastante com a dificuldade de obter os produtos agricolas que recebia do interior, pois que estes lhe eram interceptados pelos indigenas que atacavam as caravanas de negocio que se dirigiam para o litoral, e os comerciantes não tinham meios de evitar taes assaltos.

Repetidas queixas foram apre-

(1) *The Lance.* — Feb. 8, 1908.

OCUPAÇÃO MILITAR DO INTERIOR DO AMBRIZ

UMA VISTA DE AMBRIZ

A RUA PRINCIPAL DE AMBRIZ
(Fotografias do sr. Moraes)

sentadas ao governo da provincia, pedindo providencias contra este mal que anniquilava o commercio desde o Ambriz até o Ambrizete, mas os meios que esse governo empregava no sentido de submeter os indigenas rebeldes, pouco ou nada modificavam o estado de cousas e os assaltos e roubos continuavam.

Foi nestas circumstancias que o atual governador da provincia, sr. capitão Paiva Couceiro, resolveu acabar de vez com taes abusos e, apesar da falta de recursos, numa ocasião em que as forças militares da provincia e as expedicionarias da metropole se encontravam empenhadas nas guerras dos cuamatas e dos dembos, não exitou em organisar uma columna de operações e de á sua frente, se dirigir ao Ambriz.

Reunio uma deminuta força do batalhão disciplinar, uma secção indigena, e outra de artilharia, algumas praças da companhia de policia, e uma secção de sapadores formada por condenados, para desbravar caminho, e entregou o comando da columna a um oficial já experimentado nas guerras da provincia de Moçambique, o sr. capitão Fernando Astolfo da Çosta.

Com tão resumidas forças não seria de estranhar um desastre, mas se era pequena a força material, necessario se tornava dar-lhe a força moral e para isso o sr. Paiva Couceiro resolveu acompanhar a columna com uma bagagem tanto ou mais modesta do que a de um soldado, no dizer de um oficial da expedição.

De uma correspondencia de Africa que temos presente extraimos o plano que o ilustre governador traçou de acordo com os comerciantes do Ambriz, e que teve a boa fortuna de vêr posto em pratica:

«Construção d'um molhe para evitar os prejuizos das calemas na praia, e assentamento d'uma ponte aproveitando os bancos Mariannás.

— Desobstrução da lagôa, afim de tornar saudavel a povoação do Ambriz.

— Construção duma estrada carreteira facilitando o estabelecimento de casas de comercio no interior, e as communicações entre o sertão e o Ambriz.

Ao mesmo tempo o sr. capitão Paiva Couceiro resolveu:

— Incumbir o agronomo Gorsweiler, que está ao serviço da provincia, de estudar, durante a marcha da columna, a flora da região.

— Incumbir o vuluntario Teixeira Lopes de fazer um reconhecimento do rio Loge, na parte navegavel, e de fórma a conseguir-se o aproveitamento da via fluvial para as facilidades do commercio, e a dominar-se o gentio da margem direita do rio e que confina com os Quiluanicas, gentio que costuma roubar as comitivas de negocio procedentes do interior do Congo.

— Incumbir o sr. tenente Joaquim Felix de fazer o levantamento topographico da região percorrida.

— Recolher elementos para o estudo do solo e investigações mineiras.

— Construção d'um forte militar dominando a região percorrida e destinado a tornar effectiva a cobrança do imposto de cubata e tributo de guerra.

— Assentamento d'uma linha telegrafica, pondo em rapida communicação o forte militar com o Ambriz para mais tarde se prolongar a linha até Encoge.»

Foi a 20 de novembro do anno passado que a expedição sahiu do Ambriz para o interior atravez das povoações de Quinzala, Quitema, Quidumbe, Quicombe, Cavungo, Mobamba, Quiembumbe, Vaturiampa, Quidombelle, Quintonio, Cupuassa, Molombo, Quimbumbe e as 26 povoações que constituem as tribus do respectivo regulo, assim como as do regulo Quibive, etc. As dificuldades e inclemencias que a expedição encontrou na sua marcha foram inumeraveis, sobrelevando a todas a falta de agua e a de abrigos, que por mais de uma vez quasi desanimou os expedicionarios.

Não encontraram estes felizmente resistencia séria nos indigenas, cujos sobas se foram submetendo e pagando o imposto de cubata e de guerra, mas em compensação, teve a columna que arrostar com as maiores dificuldades, como disse, tendo de abrir por muitas partes caminho atravez dos matos até chegar ao termo da sua missão em Catumbo, depois de 27 dias de trabalhos, em que todas as fadigas e inclemencias sofridas não conseguiram vencer a boa vontade e esforço dos expedicionarios, nem alterar sensivelmente o seu estado sanitario.

Esta campanha pacifica, como lhe podemos chamar, alcançada mais pelo prestigio do que pela força das armas, não será menos proficua para o restabelecimento e aumento do comercio do Ambriz, e é mais um importante serviço que se deve ao sr. Paiva Couceiro, que com tanta energia e abnegação se propoz fazer o que seus antecessores não haviam conseguido.

Tambem são dignos de louvor os oficiaes e praças que mais se distinguiram por sua dedicação e esforço, principiando pelo comandante da columna sr. capitão Fernando Astolfo da Costa a que se seguem os srs. alferes Joaquim Felix, tenente Vieira de Castro, voluntario Vito Moreira Feio, e as praças, sargentos srs. Manoel Bernardo, João Carlos Mesquita de Mendonça, 7 soldados do corpo de policia, de Loanda, 20 do batalhão disciplinar e 10 da casa de reclusão.

E' o que sobre este ponto encontramos na citada correspondencia de Africa.

A Policarpo Pecquet Ferreira dos Anjos

Aliaram-se o sentimento de estima e de gratidão com a Arte para prestarem uma justa homenagem á memoria de Policarpo Pecquet Ferreira dos Anjos, falecido em 23 de junho de 1905, e cujos primores de caracter tanto respeito e simpatias mereceu da sociedade portuguêsa, e muito particularmente do comercio, de que foi uma personalidade da maior importancia, que honrou esta respeitavel corporação.

Essa homenagem foi prestada pelos empregados da Casa Anjos & C.ª a seu falecido chefe, inaugurando-lhe no seu escritorio comercial um primoroso busto em marmore, devido ao prestigioso cinsel do eminente esculptor Teixeira Lopes, que nesta obra deu mais uma prova de seu grande talento, produzindo uma obra de arte tão prefeita e ao mesmo tempo tão semelhante ao original, tendo de a executar apenas por fotografias do falecido.

Foi uma festa de familia a inauguração do busto no escritorio dos srs. Anjos & C.ª, que mais veio perpetuar a memoria do falecido, ou como que continuar a presidir aos negocios desta importante casa, hoje gerida por seus filhos os srs. Fernando e Henrique Anjos, dignos continuadores da obra de seu pae, e a quem não faltam a competencia e excelentes qualidades de caracter que tanto distinguiram o falecido.

A esta inauguração assistiram a viuva sr.ª D. Alice Munró Anjos, e os srs. Carlos Anjos, Policarpo Lopes Ferreira dos Anjos, Fernando Anjos, Henrique Anjos, e os empregados da casa, os quaes apresentaram a seguinte mensagem que foi lida pelo sr. José Augusto Ribeiro:

«Ill.mos e Ex.mos Srs. Fernando Munró dos Anjos e Henrique Munró dos Anjos. — Decorreram já longos mezes desde o dia amargurado e turvo em que desapareceu de entre nós aquelle que em vida se chamou Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos, e cuja memoria, docemente guardada no coração de quantos o amaram, se perpetuou não apenas na sua familia pelo sangue, mas n'esta outra familia pelo affecto, constituida por todos os empregados da sua casa.

Para ambas a prestigiosa figura de Polycarpo Anjos era o fulcro potente d'onde irradiava a carinhosa, a inexgotavel sympathia em que os membros d'uma e d'outra se sentiam envolvidos, e a que ambas procuravam corresponder com os extremos da mais effusiva estima.

Seja por isso permittido aos representantes d'essa segunda familia, como respeitosa homenagem de saudade, offertar a VV. Ex.as, dignos representantes da primeira e immaculados continuadores do honrado nome que usam, — o busto do inesquecido e inesquecivel amigo que todos infelizmente perdemos e piedosamente choramos.

Arrancou-o d'um bloco de marmore o cinzel privilegiado d'um artista maximo, e n'um milagre do seu flexuoso e innexgotavel talento, n'elle transfundiu a espiritual magia da bella alma que aquecêra o corpo do querido extincto.

O sopro da arte passando sobre a vulgaridade do nosso gesto, fal-o-ha desapparecer, para unicamente deixar que d'elle se evole a pura e commovida intenção que o dictou, quando por este modo nos lembrámos de evocar quem nos foi e será tão particularmente querido

Queiram VV. Ex.as, pela sua nunca desmentida amabilidade, acolhel-o benevolamente, e com elle dignem-se acceitar tambem o sincero testemunho da nossa subida consideração. Começou esta a ser prestada ao venerado chefe de hontem, que agora dorme o eterno somno dos justos e dos bons; manter-se-ha inalteravel e profunda por VV. Ex.as, affectuosos e estimados chefes de hoje

Com os mais fervorosos votos pela vida e prosperidades de VV. Ex.as nos subscrevemos

De VV. Ex.as, respeitadores e obrigados, *Antonio Gonçalves d'Oliveira, Luiz Cezar da Silva Brito, João Hygino das Neves, José Augusto Ribeiro, A. M. Rosa Valente, José Miranda, Francisco Victorino Pedroso, Joaquim José Collaço, Julio da Rocha, Henrique Ferreira Lima, Raul Alberto Ferreira Flores, Manoel Rocha, Antonio Barreiros Lopes, Guilherme Augusto da Rocha Neves, Joaquim Vicente Hortas, Antonio d'Assumpção Ramos, Jayme de Campos Silva, Manoel de Brito Magro, Julio Bruno Pereira, Joaquim Ignacio Lopes Franco, Madoel Francisco Alvaro Junior, Antonio Nicolau Ferreira, Innocencio Carvalho Martins, Jose Emygdio da Silva, Eusebio Nunes da Silva, Antonio Vicente Hortas, Alfredo Ferreira, José dos Santos Sobral, Thomaz Reis de Carvalho, Antonio Leal João Eduardo da Silva Loureiro, Francisco dos Santos, José Rodrigues Leite, José Godinho Garcia, Affonso Vargas.*»

MEDALHA OFERECIDA PELOS EMPREGADOS DA CASA ANJOS & C.ª
A TEIXEIRA LOPES
Modelada por Simões de Almeida Sobrinho

Esta mensagem foi agradecida em comovidas palavras pelo sr. Fernando Anjos em nome de toda a familia.

Uma outra mensagem de agradecimento dirigiram ainda os mesmos empregados, a Teixeira Lopes, acompanhada de uma medalha expressamente feita pelo esculptor Simões de Almeida Sobrinho e que é mais um primor de arte deste novel artista já tão distinto por suas obras.

A medalha, como se vê da gravura em que a reproduzimos, apresenta na face o busto de Teixeira Lopes e no anverso a estatua da Historia, do mesmo esculptor, que decora o tumulo de Oliveira Martins, a qual é uma das suas geniaes producções que honram a arte portuguêsa.

A revolução de Pirmasentz

POR A. KARR

I

Em uma epoca não muito distante, Pirmasentz era a capital do pequeno estado de 431 habitantes, pertencente a um principe da casa de Nassau-Usingen. Hoje decerto não haveria quem acceitasse o logar de administrador de um concelho da exigua dimensão do principado de Pirmasentz: comtudo, o principe reinante conservava a seu pesar a soberania herdada de seus avoengos, e mesmo porque um monarcha hereditario não póde nem deve pedir a sua demissão. Mas quem ouvisse fallar o muito illustre Barão de Robrecht, conselheiro aulico do principe, commandante em chefe do seu exercito, e seu ministro dos negocios do estado, e estrangeiros — julgaria que Pirmasentz era a mais rica e grandiosa de todas as côrtes da Europa: e quem visse tambem, nos dias de gala, o severo e orgulhoso barão, junto do principe na sala do throno, fardado de grande uniforme, com uma *menagerie* de animaes honorificos, dependurados no peito, completa collecção, desde a aguia negra da Russia, até o elephante da Dinamarca — diria que o Barão de Robrecht era o primeiro secretario de estado do maior, e mais poderoso imperio do mundo.

Ora na manhã do dia em que nos aprouve começar esta mui veridica historia, o Barão de Robrecht foi encontrar o Principe Ricardo (que assim era o nome do soberano de Pirmasentz) recostado indolentemente em uma velha poltrona de rapado velludo de Utrecht. O principe, era um mancebo de physionomia agradavel e bondosa; grandes olhos azues reflectiam a benevolencia e serenidade do seu caracter; tinha por vezes vislumbres de grande finura, e rara sagacidade, e em varias ocasiões mostrára até verdadeira coragem: mas todas estas qualidades eram dominadas pela sua habitual indolencia, causada pelo enfado da precaria e falsa situação, em que vivia no meio da sua fidalga pobreza.

Eram muito simples os habitos da vida do Principe Ricardo: a caça, a pesca, a cultura das flores, a leitura e a musica, eram as suas occupações quotidianas. Se Ricardo não fosse um soberano, mas um simples particular com os seus dez mil florins de renda, seria o mais feliz de todos os homens: mas se elle era um principe reinante...

Os parcos rendimentos do Principe Ricardo eram absorvidos não só pelas loucas despezas de ostentação, a que o obrigava o imperioso ministro Robrecht, como pelo oneroso encargo do seu pacifico exercito. Comtudo apesar das difficuldades com que sempre lutava para pagar aos seus soldados, era esta a despeza, que de melhor grado fazia. O principe tinha por systema que, quando algum dava baixa, era logo substituido por outro que soubesse tocar algum instrumento: por isso o exercito de 168 homens do principe de Pirmasentz compunha-se de 48 officiaes e soldados, e de uma banda de 120 musicos.

O principe, distincto professor e que amava a musica com fanatismo, era o proprio mestre e regente da grande banda marcial do seu exercito.

As revistas e exercicios consistiam em concertos vocaes e instrumentaes: e toda a população dos estados do principe corria pressurosa para ouvir a musica no jardim do velho palacio.

. . . .

— Eu esperava te, Robrecht, disse o principe vendo entrar o barão; recebi agora mesmo uma carta de meu primo archiduque, na qual me annuncia a sua proxima visita, e se convida, sem cerimonia, a vir passar um mez na minha *corte*, acrescentou o principe com um sorriso ironico. E' preciso responder a esta carta, barão, e depois pensaremos no modo de obter os meios para receber dignamente o archiduque. O que me inquieta, Robrecht, é pensar que a minha caixa deve estar quasi vasia, que os rendeiros não me paguem, e que principalmente vaes entregar-te aos teus habitos de ostentação, ficando muito mais endividado, e dentro em pouco completamente arruinado. Não julgas acertado que se poderia receber o meu primo com a mesma sem-ceremonia com que elle se convida? O nosso passadio não é mau: e demais o rio tem boas trutas, já vão aparecendo as galinholas, e a minha musica é talvez a melhor de toda a Allemanha — que mais quer elle?

— Vossa Alteza me permitirá, replicou o barão respeitosamente, de lhe observar, que n'esta ocasião trata-se principalmente da sua honra, da sua consideração e da sua boa fama nas cortes estrangeiras: e tudo isto cumpre-me zelar. Sabe Vossa Alteza que eu tive a honra de ser mordomo-mór do principe, seu augusto pae, e em semelhantes ocasiões tinhamos por invariavel costume *nada poupar*. E' verdade que nos dias consequentes e normaes passavamos mais frugalmente — sopa e cosido com algumas batatas; e mais de uma vez fomos empenhar os diamantes da princeza, sua virtuosa mãe, mas conseguimos, com grande emulação e inveja de todos os soberanos nossos visinhos, que Pirmasentz fosse considerada a mais fina, polida e elegante de todas as côrtes da Allemanha.

— Mas, caro Robrecht, meu pae vivia mais desaffogado, porque a minha boa mãe tinha-lhe trasido em dote uns bons cincoenta mil florins.

— E, interrompeu o barão, a que deveu Sua Alteza, o falecido principe, o vantajoso casamento que fez, senão ao esplendor, magnificencia e delicias da sua côrte, e á boa recepção que nós ambos fizémos ao duque, seu augusto avô, o qual deslumbrado pelo pomposo e bisarro acolhimento que lhe démos, *concedeu-nos* em casamento a sua filha. Creia, principe, que sómente um bom casamento poderá restaurar o lustre da nossa casa.

Ao ouvir fallar em casamento Ricardo suspirou e disse: Vamos, Robrecht, tu julgas sempre a razão pela tua parte, e eu prefiro muito mais que decidas tudo ao arbitrio da tua phantasia, do que obrigarem-me a discutir assumptos para mim fastidiosos: portanto pódes ordenar a recepção de meu primo, como te aprouver.

O barão cortejou muito satisfeito o principe; e Ricardo aborrecido pegou na gazeta de Augsburgo para mudar de aborrecimento, e emquanto elle a passava pela vista, o barão descrevia o muito que tinha a preparar para a grande recepção.

O principe não escutava o seu conselheiro aulico, nem lhe respondia; mas quando o barão, no curso do seu programma disse: — São precisas seis librés novas para todos os creados da casa, e eu vou já ao alfaiate de Vossa Alteza... o principe, sahindo então da sua apathia, e atalhando o barão, acudiu:

— Ao alfaiate vou eu.

— E posso acompanhar a Vossa Alteza?

— Como quizeres, Robrechet.

Nos pequenos estados allemães a popularidade é usual e necessaria. O principe conhecia todos os seus subditos, e sabia de cór os nomes de quasi todos elles.

No caminho para a casa do alfaiate fallava a toda a gente.

Adeus, Guilherme, como estás?

Que tal vae o feno?

Bons dias, Luiz; teu pae está melhor?

Olha lá, Martha, quando é o teu casamento? Ficas sabendo que eu tambem vou á tua bôda.

A casa do alfaiate da casa principesca era, sem contradição, a melhor propriedade de Pirmasentz. Uma bella alameda de acacias, então em flôr, conduzia ao palacio do opulento artista.

Sr. Roberto, disse o principe cumprimentando ligeiramente o velho alfaiate, o Barão de Robrechet vae esplicar-lhe a causa da nossa visita; entretanto vou sentar-me á sombra das acacias, e lá não recusarei um copo da sua boa cerveja.

— Trata-se, mestre Roberto, disse o barão, que dose librés novas são precisas para nossos lacaios, e isto até o fim da semana.

— Até o fim da semana não é possivel.

— Mas ha-de ser possivel: sua alteza o sr. duque de *** vem domingo visitar-nos, e as nossas librés não estão já capazes de apparecer.

— Tambem eu espero no domingo meu sobrinho que regressa de França, e tenho destinado estes dias para os preparativos da sua recepção.

— E' uma razão muito plausivel, para a sua escusa, mestre Roberto! Eis ahi os ingratos frutos da excessiva bondade de Sua Alteza: a nimia familiaridade com que trata os seus subditos torna-os impertinentes, atrevidos e confiados.

— Sr. Barão, vossa excellencia está no seu direito se quizer procurar outro alfaiate para o principe, assim como eu estou no meu direito se quizer exigir que me pague aquella antiga importancia que vossa excellencia me deve. Mas louvado Deus, tal insignificancia por ora não me faz falta.

— Oh! murmurou para si o barão contendo se a custo, eis ahi a insolencia da burguesia endinheirada. Este Roberto por ser o particular mais rico de Pirmasentz, permitte-se, e atreve se a fallar n'este tom a mim que sou não só o representante de um principe, mas o descendente de uma das mais nobres e antigas familias austriacas; vamos, é preciso rebaixar o meu illustre brazão diante da tesoura d'este rico *cortador* de pedaços de panno que tem roubado a nossa familia.

— Mas, accrescentou o velho alfaiate, para que são precisas doze librés, visto que o principe não tem senão seis creados, e um d'elles está entrevado, e não sahe da cama?

— E', replicou Robrecht, porque eu quero augmentar ao dobro o numero de nossos creados, para se receber condignamente o nosso primo. Vamos lá, meu caro mestre Roberto, faça as librés que lhe peço. Nós não olhamos a preço ..

— Já lhe disse que estou á espera de meu sobrinho estudante, que vem de Paris. Elle tambem esteve a estudar em Gottinga, e se o rapaz corresponder ao dinheiro que tenho gasto com elle, deve ser um grande sabio. Portanto n'esta occasião não posso encarregar-me de fazer as dose librés. Mas o que ainda posso fazer em attenção ao principe, é de lhe emprestar as fardas dos meus creados.

— Ora, Mestre Roberto, Sua Alteza ha-de servir-se de uma libré, que não é a sua! Isso não póde ser.

— Não posso offerecer-lhe mais, se lhe não convem, não fallamos mais n'isso.

— Escute: só se o Mestre Roberto mandar tirar as golas e substituil-as com a côr azul da nossa libré.

— Póde ser, sim senhor. — E mestre Roberto estendeu a mão ao Barão de Robrecht; este profundamente offendido de tanta familiaridade, disfarçou deixando entretanto que o artista lhe a apertasse.

— Não se esqueça porem, mestre Roberto, que precisamos das fardas d'aqui a tres dias.

— Far-se-ha a diligencia.

— Mas quero-as, sem falta.

— Far se-ha a diligencia. Um homem honrado não promette senão aquillo que póde cumprir.

— Ah! disse comsigo Robrecht, indo procurar Ricardo, é preciso persuadir o principe para que lance algum imposto sobre esta gente rica, para lhe rebater um pouco a soberba. Quando entrou na alameda das acacias Robrecht ouviu que o principe não estava só, e que uma voz de mulher lhe respondia. O Barão retirou-se discretamente sem ruido, como bom palaciano que era, e foi occupar-se do muito que tinha a fazer para determinar a recepção e bom acolhimento do hospede de seu amo.

Entretanto Ricardo, por um acaso que elle esperava, e que era o verdadeiro e unico motivo da sua vinda a casa do alfaiate, tinha encontrado Guilhermina a passeiar na alameda das acacias.

— Eu não sei, Guilhermina, lhe dizia o principe, qual será o fim d'este meu amor, mas o que te posso affirmar é que elle occupa todo o meu pensamento. Se eu procuro as mais bellas flôres para o meu jardim, é porque eu sei que tu ali vaes passar todos os domingos. Escolho e ensaio a melhor musica, e sei quanto has-de sentil a. Eu vivo, Guilhermina, só para ti!

Mas n'esta ridicula posição em que a sorte me collocou, não posso dar te a minha mão: mas juro te que não desposarei outra mulher.

Do grotesco diadema que o acaso do nascimento collocou na minha cabeça, cada florão é um agudo espinho ..

— E eu tambem, replicou Guilhermina soluçando, não casarei com outro homem...

(Continúa.)

(Trad.) — F. S.

O MEZ METEOROLOGICO

Fevereiro 1908

Barometro — Maxima 778mm,3 em 15.
» Minima 761mm,1 em 11.
Thermometro — Maxima 20º,6 em 19.
» Minima 4º,0 em 6.

Quanto á temperatura, o mez póde dividir-se em tres periodos: Periodo frio de 1 a 12 com o maior maximo em 10 (15º,1) e o menor, em 12 (10º,9) e minimos entre 4º e 7º. Periodo relativamente quente de 13 a 27, com maximos superiores a 15º e periodo frio, em 28 e 29, que ainda persistiu nos primeiros dias de março, como veremos, no mez proximo.

Vento dominante — N.

Chuva 1mm,3 em 2 dias, o mez de fevereiro mais secco que tem havido, desde que ha registos.

Nebulosidade. — Ceu limpo ou pouco nublado 22 dias.
» Nublado 7 dias

Nevoeiro — Em 22, 23 e 24.

Duas publicações interessantes

Tenho presente, neste momento, os n.os 5 a 8, vol. 12.º, de *O Archeologo Portugues* e 4.º, tomo 11.º, quarta série, do *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.*

Constituem dois volumes de mais de 100 paginas cada um, enriquecidos com estampas e cartas, sobresaindo em o *Archeologo* o brilhante estudo — *Situação conjectural de Talabriga*, firmado por F Alves Pereira e no *Boletim* o não menos brilhante estudo — *Noticia sobre a conservação dos monumentos egypcios*, por J. V. Mendes Guerreiro e o *Relatorio do movimento da Bibliotheca da Associação em 1906*, do punho do seu ilustre e dedicado Conservador o Visconde da Torre da Murta, deveras erudito e modelar em tal genero de trabalhos escritos. Afirma sua ex.a, quasi no fim do relatorio, com muita verdade e muito criterio de justiça:

«Longe vae o tempo em que começaram a ser cultivados os estudos archeologicos em Portugal; porém, depois de fundada esta Real Associação, organisada a sua propaganda, conhecidos os seus trabalhos e publicados importantes estudos dos seus membros, que pela sua erudição muito honram esta corporação, é que irradiou o gosto e se desenvolveram os progressos da archeologia no nosso paiz com rapidez, melhor orientação e mais efficacia nos seus resultados. Aos esforços de sabios archeologos, ou de intelligentes amadores, se deve a fundação de varios museus de antiguidades que se tem instituido entre nós com applauso do publico illustrado.»

Só um insensato, ou um ignorante, poderá votar indifferença á obra benemerente da arqueolojia. Requer-se para o seu empenho a paciente investigação dum beneditino e a intima firmeza dum apostolo.

Desta maneira logra-se descortinar o segredo das civilisações já apagadas na noite dos tempos remotos e interrogar com proveito de utilidade pratica os vestigios aparentemente mudos que a enchada e a picarêta desentranham dos seios da terra, ultimo abrigo das ruinas e derradeiro laboratorio de cinzas.

Os dirigentes do *Archeologo* e os membros da *Associação*, bem merecem da patria portuguêsa pelos seus trabalhos impagaveis e pela contribuição com que teem feito avultar cativantemente á luz da nossa historia, a veneranda mestra á qual consagrou a sua penna de oiro aquêle que na vida se chamou Alexandre Herculano. A Historia sem a Arqueolojia nunca alcançaria os porquês preciosos da inabalavel verdade dos factos.

D. Francisco de Noronha.

Marrocos — Fortaleza dos portuguezes em Azaffi

MARROCOS

Uma fortalêsa dos portuguêses em Azaffi

Marrocos continua a ser o ponto de mira das potencias que tem ali seus interesses, acordados na conferencia de Algeciras, mas que em verdade os ultimos acontecimentos estão longe de garantir.

Emquanto a França e a Espanha se esforçam para garantir os acordos feitos, os marroquinos por sua parte procuram por todos os modos guerrear a preponderancia estrangeira, levando estas potencias a reforçar as forças militares que para ali tem mandado.

Marrocos continua, pois, a ser o pesadelo da Europa que mais dia menos dia se converterá numa conflagração das nações que se julgam com mais ou menos direito a partilhar daquelle estado.

Datam do seculo XV as campanhas que Portugal sustentou em Marrocos desde o reinado de D. João I até á desastrosa batalha de Alcacer Kibir, em que El-Rei D. Sebastião perdeu a vida e a corôa do reino.

Larga é a historia dessas campanhas onde se cobriram de gloria tantos capitães portuguêses á frente dos quaes encontramos D. João I e os infantes D. Duarte e D. Henrique, como muitas são as memorias que d'esses feitos ainda se pódem ver no velho imperio africano.

Uma dessas memorias, que a proposito do que se está passando em Marrocos vamos lembrar, é a fortalêsa dos portuguêses em Azaffi ou Saffi, cidade na costa que deita sobre o Atlantico e distante 160 kilometros do Mogador. As armas de Portugal que se vêem nas muralhas desta fortalesa atestam a sua origem.